

Panorama

Jornal do Comércio

SOM DO SUL

Cantando a história gaúcha

No palco, uma tela branca para a passagem de slides, estudantes com idades entre 14 e 20 anos. O cenário parece o de uma palestra convencional, mas logo esta impressão é desfeita pelo músico Henrique Mann, que entra em cena munido de microfone e violão. Com uma estrutura que prefere chamar de recital didático, Mann vem percorrendo as escolas de Porto Alegre e cidades vizinhas para falar sobre uma história que poucos conhecem: a música do Rio Grande do Sul. Para encerrar o encontro, sempre há um artista convidado. As aulas fazem parte do projeto *Som do Sul*, patrocinado pela CEEE, que teve início no ano passado com o lançamento de uma série de fascículos sobre os artistas e movimentos da cena musical gaúcha do último século. A coleção, doada a escolas e bibliotecas e transformada em livro pela editora Tchê,

ganhou os Prêmios Açorianos de Literatura e Música em 2003.

Na semana passada, Henrique Mann apresentou seu recital didático nos colégios Paula Soares e Júlio de Castilhos. No primeiro, o convidado foi Gaúcho da Fronteira, autêntico representante da nossa música regional; no Julinho, os alunos vibraram com um legítimo *pop star* local, o cantor Serginho Moah. Mann conta que usa a idéia de mesclar aula de história e show musical há anos. "O primeiro recital didático que fiz foi na Ufrgs, em 1988. E aí era sobre a história da música popular brasileira, não especificamente a do Rio Grande do Sul", explica. Quando percebeu que havia poucos registros de dados biográficos da nossa música, resolveu se dedicar à pesquisa. "O projeto surgiu como forma de dar a oportunidade aos jovens de estudo da cultura popular", resume.



O músico Henrique Mann é o idealizador do projeto



Serginho Moah cantou para os alunos do Julinho

Os estudantes aprovaram

Michael, de 20 anos, que estava na platéia do Paula Soares, achou tudo o máximo. "O Gaúcho da Fronteira me fez lembrar da minha infância, porque na época sempre fazíamos uns bailes na casa do meu avô e dançávamos as músicas dele. Até tenho uma bombacha em casa, de vez em quando eu vou com uns amigos para o baile", contou. Rafaela, de 15 anos, disse que "apesar de eu não ter nascido aqui, me considero gaúcha. Nasci em Curitiba, moro aqui desde os 5 anos, mas me considero gaúcha, sou gaúcha, sempre fui, sempre vou ser e dá um orgulho, com certeza." Para Anderson, 17 anos, a escola deveria realizar mais encontros como este: "Achei legal, é um incentivo para a juventude. Seria bom aprender mais para saber mais sobre a nossa tradição." Carina, de 17 anos, foi ao auditório para ver Serginho Moah, mas revela que adorou a aula. "Não sabia que o Teixeira era tão importante". Paulo, de 18 anos, saiu decidido a saber mais sobre a história de Barbosa Lessa e Paixão Cortes, que, em 1948, quando eram estudantes do Julinho, fundaram o primeiro Centro de Tradições Gaúchas.

O resultado da mistura de culturas

Assim que entra no palco, Henrique Mann lança uma primeira provocação: interpreta um pequeno trecho de *Céu, Sol, Sul*, uma das mais tradicionais canções do RS, e *Blusinha Branca*, sucesso dos Papas da Língua. Na sequência, pergunta "qual das músicas é mais gaúcha?" E a deixa para explicar que a música do Rio Grande do Sul atual é fruto da história dos povos que formaram a cultura da região. A musicalidade de índios, negros, portugueses, espanhóis, alemães e italianos está nestas origens e é apresentada através de slides e pequenas performances do palestrante. Em cerca de uma hora, a platéia fica sabendo de muitos fatos curiosos, como, por exemplo, que no final do século XIX Porto Alegre tinha dois mil músicos entre seus 40 mil habitantes. O motivo? "Todos os artistas que seguiram para Buenos Aires e Montevideo paravam obrigatoriamente na Capital gaúcha, o que gerava uma movimentação musical intensa", explica Mann.

Os porto-alegrenses mais abas-

tados também tinham o privilégio de assistir a bandas de jazz norte-americanas no navios ancorados no porto, o que acabou influenciando o conjunto dos irmãos Bertussi, que viviam em Vacaria. O Rio Grande do Sul também viu nascer o talento de Lupicínio Rodrigues, que virou mania nacional, e de Pedro Raimundo, que estourou no Rio de Janeiro cantando *Adeus Mariana* na década de 1940 e abriu caminho para artistas regionais do porte de Luiz Gonzaga. Também não faltam referências a Teixeirinha, que na década de 1970 vendeu 18 milhões de discos (depois dele, o maior vendedor de discos do RS é o grupo Engenheiros do Hawaii, com três milhões de cópias).

Logo no começo, os 150 ouvintes do Paula Soares silenciaram, enquanto os mais de 400 que lotaram o auditório do Julinho acompanharam tudo num vai-e-vem constante. Entre risos e momentos de silêncio, cantarolaram as melodias conhecidas e bateram palmas. "Essa resposta deles tem

sido a tônica do projeto", comemora Mann. No Paula Soares, Gaúcho da Fronteira se declarou satisfeito com a resposta dos jovens à música tradicionalista. "Faço questão que a gurizada esteja com a gente!", disse, acrescentando em seguida que "a cultura regional mais forte deste País é a dos gaúchos". A música com que abriu sua participação no projeto foi *Pampa Pobre*, conhecida pela geração mais jovem na versão gravada pela banda Engenheiros do Hawaii, fato que foi lembrado por ele: "É uma alegria saber que a juventude de hoje vive o regionalismo. Os Engenheiros deram a prova de que os jovens podem curtir este sentimento de amor à terra."

No Julinho, Serginho Moah despertou gritos calorosos de algumas fãs e um coro afinado para todas as músicas. "Muitas destas histórias que o Henrique contou eu não conhecia. Mas podem ter certeza que isso me dá mais orgulho de ser gaúcho e, principalmente, de ser um músico gaúcho", avaliou.

O Gaúcho da Fronteira falou da sua trajetória

